

## **Da “Gripe Espanhola” ao “Covid-19”: desenhos satíricos na imprensa Brasileira (1918 e 2020)**

rosangelad@gmail.com

por Rosangela de Jesus Silva

Profesora e investigadora, Instituto de Arte, Cultura e História, Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Brasil)

### **Resumo**

O ensaio propõe a análise de desenhos satíricos, enquanto expressão de crítica e diálogo com o contemporâneo, publicados em periódicos de grande circulação no Brasil em 1918 e 2020, com foco nas epidemias de “Influenza Espanhola” e Covid-19. A partir de desdobramentos do conceito de “sobrevivência” (Warburg e Didi-Huberman) e, da ideia de “riso enquanto subversão” de Deligne (2011), coloca em perspectiva imagens dos dois períodos históricos.

**Palavras-chave:** Desenhos satíricos; Gripe Espanhola; Covid-19; Imprensa brasileira.

### **De la “Gripe Española” al “Covid-19”: dibujos satíricos en la prensa brasileña (1918 y 2020)**

### **Resumen**

El ensayo propone el análisis de dibujos satíricos, como una expresión de crítica y diálogo con lo contemporáneo, los cuales fueron publicados en importantes periódicos brasileños en 1918 y 2020, con un enfoque en las epidemias de “Influenza española” y Covid-19. Basado en los desarrollos del concepto de “supervivencia” (Warburg y Didi-Huberman) y de la idea de Deligne (2011) de “la risa como subversión”, pone en perspectiva imágenes de los dos períodos históricos.

**Palabras clave:** Dibujos satíricos; Gripe Española; Covis-19; Prensa brasileña.

***From "Spanish Flu" to "Covid-19": satirical drawings in the Brazilian press (1918 and 2020)***

**Abstract**

The essay proposes the analysis of satirical drawings, as an expression of criticism and dialogue with the contemporary, published in journals of great circulation in Brazil in 1918 and 2020, focusing on "Spanish Influenza" and Covid-19 epidemics. From developments in the concept of "survival" (Warburg and Didi-Huberman) and Deligne's (2011) idea of "laughter as a subversion", puts in perspective images from the two historical periods.

**Keywords:** Satirical Drawings; Spanish Flu; Covid-19; Brazilian Press.

## **Da “Gripe Espanhola” ao “Covid-19”: desenhos satíricos na imprensa Brasileira (1918 e 2020)**

O texto introdutório do catálogo da exposição “Sublevaciones”, organizada pelo filósofo e historiador da arte George Didi Huberman em 2016<sup>8</sup>, inicia-se com uma reflexão sobre o problema da imigração, do fechamento de fronteiras, das pessoas que são impedidas de buscar possibilidades de sobrevivência. Não é um texto sobre imigração e políticas de imigração, mas sobre como a arte é capaz de falar sobre “el peso de los tiempos oscuros sobre la vida contemporánea.” (Didi-Huberman, 2017: 20) O autor chama a atenção para como o “desejo” de sair da escuridão e o “impulso de liberdade” podem estimular gestos e ações nos seres humanos capazes de fazer com que se levantem. Como um Atlas que se insurge contra os deuses do Olimpo e tira o peso do mundo de seus ombros, o homem também poderia proclamar “a los cuatro vientos su deseo: exponer la pulsión de vida y de libertad delante de todo el mundo y para todo el mundo, en el espacio público y en el tiempo de la historia.” (Didi-Huberman, 2017: 23) O que figurará na exposição não são os gestos em si, mas sua representação, imagens que comportam registros do desejo de mudanças, de indignação, de memórias.

Em 2020, as fronteiras, sem terem sido abertas para os imigrantes, fecham agora a todos os viajantes. Os Estados Nacionais reafirmam suas fronteiras para garantir a não contaminação de seus cidadãos. O perigo agora é um vírus que se instala nos corpos humanos, se dissemina através de seus fluídos e é capaz de matar. Em teoria todos são suscetíveis ao novo perigo, mas conforme as estatísticas de letalidade são mostradas por regiões fica claro que grupos economicamente privilegiados morrem menos que os pobres e negros amontoados em periferias. A abundância de tecnologias nos permite acompanhar com imagens, que percorrem o globo em alguns segundos, diversas representações das incertezas do momento: o vazio de cidades isoladas, o rosto de sofrimento de profissionais de saúde exaustos, os caminhões que transportam corpos. Nos países pobres e, mais

---

<sup>8</sup> A exposição ocorreu primeiro em Paris no Jeu de Paume em 2016 e depois percorreu várias cidades como Barcelona, Montreal, Cidade do México, Buenos Aires (2017) e São Paulo (2017-2018). Embora tenha mantido um núcleo comum a exposição não aconteceu com as mesmas obras, tendo experimentado versões singulares com a incorporação de produções locais.

precisamente no Brasil, “novas” imagens se agregam à galeria mundial: cenas de hospitais lotados ([Imagem 1](#)), caixões amontoados ([Imagem 2](#)) ou, a falta deles, e cemitérios com fileiras intermináveis de sepulturas abertas ([Imagem 3](#)).

A história da humanidade foi marcada inúmeras vezes por epidemias e graças aos registros dessas é que podemos entender e levantar hipóteses sobre como afetaram a vida das pessoas ou, ainda, de como as pessoas reagiram a elas. No universo de registros possíveis queremos atentar para as imagens, e na constelação de imagens olhar para os desenhos satíricos denominados caricaturas ou charges<sup>9</sup>, imagens que por sua característica de crítica satírica e diálogo com o contemporâneo podem carregar em si elementos que potencializam conflitos políticos, enfrentamentos, indignação e, por que não subversão - enquanto questionamento de ações governamentais. Quando subvertem poderiam estimular levantes? Difícil responder em um momento no qual é necessário fechar-se em casa para sobreviver. Mas certamente provocam risos nervosos, inquietações e fomentam debates através de sua síntese contundente.

Alain Deligne no texto “De que maneira o riso pode ser subversivo” nos chama atenção para alguns elementos. Primeiro que “o riso é um estado de comunicação não discursivo. Com ele, saímos do domínio do lógico, entramos no expressivo, no afetivo” (Deligne, 2011: 29). Em momentos de pandemia o racional tende a ceder lugar para as emoções, para o afetivo. O autor também afirma que “o riso é alegre, mas pode ser amarelo, sarcástico, amargo” (Deligne, 2011: 30). Partindo do questionamento de se seria possível rir de tudo, o autor faz um percurso denso passando por discussões em torno da ética, da estética, da moral, do talento do artista, do tempo e do público. Não nos aprofundaremos aqui nesses termos, mas evocamos do texto a necessidade, colocada pelo autor, de que para entender o riso como subversão é preciso conhecer o aqui e o agora (*hic et Nunc*). Para isso propomos um percurso visual através de desenhos satíricos, cujo riso despertado pode ser “amargo” ou “sarcástico” e, em dois momentos históricos

---

<sup>9</sup> Os termos caricatura e charge implicam em algumas particularidades técnicas e teóricas sobre as quais não nos debruçaremos neste texto. Tomaremos as características comuns desse tipo de imagem que é o fato de serem desenhos jornalísticos com características de crítica e humor, logo de diálogo com os temas contemporâneos, no caso específico deste texto as epidemias de Gripe Espanhola (1918) e Coronavírus (2020).

bastante precisos (1918 e 2020), com a experiência em comum de viver uma epidemia com repercussão na imprensa e fortes impactos sociais.

A epidemia do novo coronavírus – Covid-19 iniciada em dezembro de 2019 fez com que o mundo se voltasse para o passado para observar a ocorrência de outros eventos parecidos. Entre várias epidemias que assolaram o Brasil (febre amarela, cólera, varíola, etc), a experiência de uma ocorrência há cerca de 100 anos, em 1918, quando o mundo ainda vivia o final da I Guerra Mundial (1914-1918), denominada “Gripe Espanhola”, volta a ser destacada em 2020. Inúmeros artigos começam a ser publicados apresentando dados de mortalidade, isolamento e políticas de enfrentamento adotadas, comparando-as com as ações atuais. O que propõe-se neste ensaio é um exercício visual, a partir de algumas caricaturas publicadas na imprensa de grande circulação no Brasil, em duas cidades representativas do país: Rio de Janeiro que era a capital do país até meados do século XX e São Paulo, centro financeiro e cidade com maior número de habitantes no cenário nacional atual. O período analisado enfocará dois momentos históricos: primeiro os meses de outubro, novembro e dezembro de 1918, período do pico da epidemia de gripe espanhola, e os meses de março, abril e maio de 2020 que compreendem os primeiros registros de casos<sup>10</sup> e início de adoção de medidas contra o novo coronavírus. Nos respectivos períodos o aumento de casos e os efeitos socioeconômicos despertaram a atenção da imprensa nacional, a qual dedicou inúmeras páginas para comentar o tema. O material selecionado inclui a análise de desenhos satíricos sobre a epidemia nos seguintes órgãos de imprensa: três revistas semanais de variedades, *Fon Fon* (1907-1958); *Careta* (1908-1960); *O Malho* (1902-1953)<sup>11</sup>, todas publicadas no Rio de Janeiro na primeira metade do século XX, e dois jornais diários *Folha de São Paulo* (1921) e *O Globo* (1925)<sup>12</sup>, publicados respectivamente na cidade de São Paulo e Rio de Janeiro até os dias atuais.

---

<sup>10</sup> O primeiro caso diagnosticado no Brasil foi em 26 de fevereiro de 2020.

<sup>11</sup> Essas revistas compreendem projetos editoriais modernos que ambicionavam a expansão do público leitor e a afirmação do jornalismo e da imprensa profissional. Na introdução do livro “O Moderno em Revistas Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930” as autoras Oliveira, Lins e Velloso afirmam que “Essas publicações ocuparam lugar marcante na história editorial brasileira, ajudando a moldar as percepções cotidianas e a nossa própria cultura política.” (Oliveira; Lins; Velloso, 2010:12).

<sup>12</sup> Todas as imagens reproduzidas no artigo são apenas para divulgação acadêmica, sem qualquer fim lucrativo e estão identificadas com autoria e origem.

Ambos possuem alcance e repercussão nacional e, em ambos, as imagens selecionadas foram publicadas nas respectivas páginas de opinião dos jornais, espaço ocupado por análises de especialistas de diversas áreas.

No presente texto buscam-se “sobrevivências”<sup>13</sup> (Warburg, 2010; Didi-Huberman, 2009) de formas de representar, de ideias, de olhares de sínteses que permitam construir memórias dos impactos das pandemias na vida da sociedade brasileira. Observamos que além da recorrência de algumas formas visuais, há também elementos de permanência como o despreparo de autoridades e ações governamentais, embates com a ciência, o grande número de vítimas e a desigualdade social evidenciada nas formas de tratamento oferecidos e no conseqüente aumento da letalidade.

Em 2020 o vírus teria chegado pelos aeroportos, no retorno de viajantes da elite econômica brasileira. Em 1918, pesquisadores indicam certa precisão do momento e por onde teria chegado a epidemia: “Recife, onde chegou em setembro de 1918, à bordo do navio *Demerara*. De lá, expandiu-se para o restante do país, seguindo a costa litorânea.” (Brito, 1997: 12). Em artigo onde analisa, através da repercussão na imprensa, as implicações sociais e psicológicas à população do Rio de Janeiro em 1918, Nara Brito destaca algo que também observamos em 2020, a negação, por parte das autoridades de saúde do país, da epidemia e da “malignidade” da influenza.

Em artigo publicado em 16 de novembro de 1918 na revista *Careta* comentava-se a quantidade imensa de mortos que apodreciam nos necrotérios e, inclusive da indistinção que poderia ocorrer entre os, de fato mortos, e aqueles “vivos adormecidos ou agonizantes” que eram levados às pressas para serem enterrados. O artigo segue comentando sobre as causas da “peste”: “Essa mortalidade foi causada por uma peste que é, no dizer oficial da ciência, uma peste benigna. Que acontecerá, no Rio de Janeiro,

---

<sup>13</sup> O historiador da arte alemão Aby Warburg (1866-1929), considerado hoje criador da iconografia moderna, desenvolveu em sua obra dois conceitos bastante valorizados atualmente por historiadores como o francês Didi-Huberman. Com o conceito de Sobrevivência (*Nachleben*), analisa como a imagem é capaz de sobreviver através do tempo, e na Fórmula Phatus (*Phatosformel*) observa a capacidade da imagem de gerar emoção. As ideias de Warburg tomam forma em seu grande projeto: o Atlas *Mnemosyne*, formado por 79 painéis que reúnem um grupo de várias imagens heterogêneas propondo diálogos entre elas para além de simples comparações. Segundo Didi-Huberman a montagem do Atlas permitiria mostrar as descontinuidades do tempo estruturadas visualmente. (Didi-Huberman, 2009: 430). Logo, a ideia de anacronismo, cara a Didi-Huberman, também se coloca na análise das imagens.

se a nova peste, a peste vindoura, fôr maligna!?” (Frei Antonio, 1918: 7). A revista publicou um desenho onde um grupo de médicos bem vestidos, demonstrando autoridade, conversam afirmando que a população teria sido tomada de pânico desnecessariamente, afinal, embora os casos fossem fatais, eram benignos. Cem anos depois parece que a “nova peste” segue não sendo vista como “maligna” por alguns setores políticos e sociais da sociedade brasileira (Imagem 4<sup>14</sup>).

Em 2020, a autoridade máxima do país, o presidente da república Jair Messias Bolsonaro (1955), sem qualquer base científica, nega o perigo do Covid-19 para a população. Sua imagem é recorrente nos jornais por suas declarações polêmicas e seus discursos inflamados como se ainda fosse um candidato em plena campanha eleitoral atirando contra seus inimigos. Desde o início da pandemia todas as suas declarações foram no sentido de minimizar os efeitos dessa. Em pronunciamento feito a nação em 24 de abril de 2020, referiu-se ao Covid-19 como uma “gripezinha”. Afirmou que por seu “histórico de atleta” - embora tenha 65 anos e, por isso, esteja no “grupo de risco”-, “Nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho”.

Dentro desse raciocínio, sugeriu que “os velhos” ficassem em casa e o restante da população tivesse vida normal. Suas manifestações públicas e seu governo repleto de medidas desastrosas com constantes trocas de ministros e gestores públicos, oferecem um manancial para o trabalho dos caricaturistas. Entre os elementos que marcam a gestão Bolsonaro estão sua relação de absoluto descrédito com a ciência e o conhecimento científico e seu embate com a imprensa. O reflexo disso está tanto nos índices alarmantes de mortalidade e contaminação que o Brasil ostenta hoje<sup>15</sup>, quanto na tomada de decisões, sem qualquer respaldo científico, sem espaço para questionamentos, que acabam não apenas por agravar a situação sanitária como por acirrar os ânimos políticos e aprofundar a divisão social no país.

---

<sup>14</sup> Eu continuo a afirmar. A população esteve presa de grande pânico. Eu na minha clínica tive cinquenta casos fataes, mas todos benignos. *A Careta*, n. 543, 19 de novembro de 1918: 23.

<sup>15</sup> Em 31 de maio de 2020, segundo dados oficiais do governo (<https://covid.saude.gov.br/>), o país contava com 514.849 casos confirmados do novo coronavírus (Sars-CoV-2) e 29.314 óbitos.

No âmbito federal parece não existir diálogo entre os especialistas e as decisões do presidente. Em 17 de março de 2020 o cartunista Laerte publicou uma tirinha no jornal *Folha de São Paulo*, em que um grupo de cientistas empenhados em soluções para a Covid-19 são interrompidos pelo anúncio de que o presidente teria uma opinião sobre o assunto<sup>16</sup> (Imagem 5<sup>17</sup>).

Na cena seguinte todos soltam gargalhadas. Imagem que escancara, segundo a visão do caricaturista, a inexistência de uma relação de confiança também por parte dos cientistas com o atual governo. Embora o uso e, o discurso, das imagens de 1918 e de 2020 sejam distintos, há algo presente nas duas: a visão que os cientistas apresentam de si mesmos enquanto autoridades.

A relação ciência, governo e população não é simples e, talvez seja importante lembrar outro episódio na história do Brasil em que a ciência interferiria na relação do governo com a população. Em novembro de 1904 o país viveria o episódio que ficou conhecido como “Revolta da Vacina”, uma reação popular a uma determinação do governo de vacinação obrigatória da população contra a varíola. No episódio da vacina contra a varíola o governo recorria a ciência e, a força, para obrigar a população a se imunizar. Em 2020 o governo recusa a ciência e, pede que a população tenha vida normal, assim, quando cerca de 70% da população já tivesse sido infectada, segundo defende o governo, o país poderia alcançar a chamada “imunidade de rebanho” ou de grupo, contendo assim a propagação do vírus. No começo do século XX o Estado enfrenta a população para impor a ciência; hoje parte da população é que se defende do Estado/governo em nome da ciência.

Em 27 de março desse ano, na *Folha de São Paulo*, o cartunista Claudio Mor fez uma charge do presidente na rua, acompanhado do próprio Covid-19, batendo panelas<sup>18</sup> e chamando o povo para a rua, maneira eficaz de alcançar rapidamente a imunidade de

---

<sup>16</sup> As charges do jornal *Folha de São Paulo* estão organizadas em arquivos mensais Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1659892950262982-charges-marco> Acesso em 27-05-20.

<sup>17</sup> Laerte, *Folha de São Paulo*, Primeiro Caderno, Opinião, 17 de março de 2020: A2.

<sup>18</sup> Desde o início da quarentena e com as atitudes do presidente de negar a periculosidade da epidemia tem sido registrado, sobretudo nas maiores cidades do país, protestos da população, a qual durante pronunciamentos do presidente faz barulho batendo em panelas nas janelas de suas residências.



rebanho. O presidente protagonizou vários episódios nos quais infringiu recomendações não apenas da Organização Mundial da Saúde, quanto de seus próprios ministros da saúde (já são três ministros entre abril e maio deste ano), não utilizando máscara, convocando e participando de aglomerações, além de cumprimentar, fazer selfies e abraçar apoiadores (Imagem 6<sup>19</sup>).

Em 1918, no auge do agravamento da situação no Rio de Janeiro, que ocorreu nos meses de outubro e novembro, o então presidente da república Wenceslau Braz (1868-1966), em final de mandato<sup>20</sup>, surgiria na capa do número 842 da revista *O Malho*. Em um cenário macabro, Braz aparece desalinhado, com as mangas arregaçadas, tendo que lidar com pilhas de caixões que ocupa todo o primeiro plano da imagem, enquanto ao fundo visualizamos apenas a silhueta de uma cidade sombria. Na cena o presidente é auxiliado pelo seu ministro da justiça e negócios interiores do Brasil Carlos Maximiliano (1873-1960). Além do problema sanitário, a cidade do Rio de Janeiro, também enfrentava desabastecimento de gêneros alimentícios o que agravava a crise, daí a presença dos dois urubus no alto da pilha de caixões como referências à “Saúde pública” e ao “Comissariado de alimentação” (Imagem 7<sup>21</sup>).

Embora o presidente seja representando empenhado em dar um destino aos caixões, o diálogo na legenda traz certa ambiguidade à cena, pois há uma fala do presidente afirmando “Ah! Se o governo nos ajudasse!...” O governo estaria ou não trabalhando duro para retirar o país da situação de calamidade pública? No interior da revista ao mesmo tempo em que há fotografias com ações de distribuição de alimentos pela primeira dama aos mais pobres, e o ministro da justiça tenha sido elogiado na imprensa pelo seu empenho durante a epidemia, foi publicado um texto, que embora não cite nomes, analisa a situação de calamidade que a cidade teria alcançado e ressalta-se a ausência de “um estadista para o momento” (J.R., 1918: 20).

---

<sup>19</sup> Claudio Mor, *Folha de São Paulo*, Primeiro Caderno, Opinião, 27 de março de 2020: A2.

<sup>20</sup> O mandato de Wenceslau Braz encerrou-se em 15 de novembro de 1918, no entanto o presidente eleito, Francisco de Paula Rodrigues Alves (1848-1919), nem chegou a ocupar o cargo tendo falecido em 16 de janeiro de 1919, vítima da influenza espanhola.

<sup>21</sup> *O Malho*, n.842, 2 de novembro de 1918, Rio de Janeiro: 1.

Neste mesmo número da revista novas metáforas da morte e da situação de abandono da população foram utilizadas. Em uma página que reúne várias cenas, três figuras chamam a atenção: caixões amontoados<sup>22</sup>, a representação da Santa Casa de Misericórdia, principal hospital naquele momento, rodeada de urubus e uma régua marcando 7 palmos - expressão para se referir a uma sepultura. No desenho da régua de "7 palmos" a legenda era enfática ao apontar que as ações das autoridades de saúde estariam restritas a providenciar sepulturas. A economia de recursos gráficos nas representações enfatiza, por parte da revista, um posicionamento que confere ao Estado ausência de ações efetivas de combate e auxílio à população (Imagem 8 e imagem 9<sup>23</sup>).

Em 2020 não se apresentam dubiedades com relação à postura do presidente diante da pandemia. Seu constante discurso em defesa da retomada da economia, colocando-a como prioridade contrasta com as proporções que a epidemia alcança no país. Não houve nenhuma palavra de consolo por parte do mandatário para as famílias que perderam seus entes queridos ou decretação de luto oficial pelas vítimas. Além disso, em uma entrevista no dia 29 de abril após um jornalista afirmar que naquele dia o país tinha ultrapassado o número de mortos da China – O Brasil registrou naquele dia 5.017 óbitos -, o presidente respondeu: "E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre". Antes disso, em 20 de abril, ao também ser questionado por um jornalista sobre o número de mortes no Brasil, respondeu não ser "coveiro" (Imagem 10<sup>24</sup>).

No dia seguinte ao pronunciamento o cartunista Benett recorreu a um desenho com poucos elementos, mas bastante contundente. Mostrou o trabalho mecânico e indiferente de várias retroescavadeiras escavando covas rasas – "sete palmos" -, com o tamanho exato de caixões, para compor a frase "E daí?" do presidente. A cena faz referência às imagens amplamente divulgadas na televisão do emprego de máquinas para abrir covas em série nos cemitérios sobrecarregados das cidades mais atingidas pela epidemia no país (Imagem 4).

---

<sup>22</sup> Os caixões amontoados aparecem com a legenda que informa estarem esperando o bonde (típico meio de transporte público da época) para ir ao Cajú. O Cajú é uma referência ao nome do principal cemitério onde grande parte das vítimas foi enterrada.

<sup>23</sup> *O Malho*, n.842, 2 de nov. de 1918, Rio de Janeiro: 37.

<sup>24</sup> Benett, *Folha de São Paulo*, Primeiro Caderno, Opinião, 30 de abril de 2020: A2.

A abertura de inúmeras covas também esteve presente na imprensa de 1918 tanto através de fotografias quanto em caricaturas. Lembrando que, em um cenário de guerra mundial, o tema da morte era muito presente. Na imagem abaixo a emergência da situação é comparada a uma estratégia bastante utilizada durante a I Guerra Mundial que consistia na abertura de trincheiras. Enquanto na guerra as trincheiras serviam como refúgio e proteção do inimigo, naquele momento era utilizada para enterrar os próprios cidadãos (Imagem 11<sup>25</sup>).

No dia 23 de abril Benett havia desenhado na *Folha de São Paulo* o presidente cavando uma imensa vala comum, bastante parecida com uma trincheira, exatamente no centro da bandeira nacional, substituindo o lema positivista “Ordem e Progresso” por espaço para mais corpos (Imagem 12<sup>26</sup>).

O tratamento dispensado aos mais pobres é outro tema que figurou tanto em 1918 quanto em 2020. Em 1918 os caricaturistas chamam a atenção para a falta de hospitais e cuidados médicos, mas também para a ausência de alimentação, que debilitava ainda mais rápido os infectados. A imagem d’*O Malho* do n.843 mostra várias pessoas sobre uma cama improvisada. A imagem propõe um diálogo direto com a situação das moradias nos morros (favelas) do Rio de Janeiro. Explicita-se a miséria através da estrutura precária que cobre a cama, na quantidade de pessoas juntas sob um lençol em farrapos, assim como no cachorro esquelético, sentado e impassível diante da cena. Na legenda o leitor é situado espacial e socialmente: “Uma cama que serve de hospital no morro do Pinto”. Sem hospital disponível, sem recursos financeiros e sem ajuda do Estado, o que restaria a essas pessoas é permanecer ou morrer em casa (Imagem 13<sup>27</sup>).

Em 2020 as condições de moradia nas periferias das grandes cidades brasileiras não mudaram muito. Seguem sendo construídas de forma irregular, com materiais e estruturas precárias, com poucos metros quadrados habitados por muitas pessoas. Com a diferença de que hoje podem comportar alguma tecnologia como um televisor ou um celular. E é

---

<sup>25</sup> Seth, *Fon Fon*, n.44, 26 de outubro de 1918: 33.

<sup>26</sup> Benett, *Folha de São Paulo*, Primeiro Caderno, Opinião, 23 de abril de 2020: A2. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=49136&anchor=6411216&pd=df238450b76fc78f29dc75c1d00124cb> Acesso em 31 de maio de 2020

<sup>27</sup> Yantok, *O Malho*, n.843, 9 de novembro de 1918: 8.

justamente a tecnologia que explicita a miséria e a fome no século XXI. Em um país onde cerca de 40 por cento da população não tem acesso à internet, o governo propôs como parte das medidas emergenciais a realização de aulas online, assim como emitiu decretos de flexibilização de leis trabalhistas (MP927/2020 e 936/2020) os quais permitem a empresas diminuïrem salários ou mesmo dispensar funcionários desde que ofereçam qualificação profissional a estes através de cursos de formação à distância. Diante desses dados a ironia do desenho de Laerte é explícita: uma caveira – representando a própria morte – segura um celular com um aplicativo que promete sobrevivência à pandemia “sem casa, sem água e sem comida”. Embora a construção visual acesse novos elementos dessa realidade a fome e a morte seguem sendo representadas pela figura esquelética (Imagem 14<sup>28</sup>).

O elemento visual mais forte das epidemias é a morte. Entre as representações elencadas acima figuraram os caixões, as sepulturas, no entanto a alegoria presente na cultura ocidental desde o século XIV, da figura esquelética, coberta com manto e segurando uma gadanha (ferramenta utilizada para ceifar cereais similar a uma foice), também é muito presente no universo das criações satíricas. Em 1918 o tema da morte estava muito presente como um desdobramento da guerra, e a epidemia de gripe viria como mais um elemento de extermínio. Assim, em 12 de outubro, *O Malho* traria a alegoria da morte, segurando sua gadanha ensanguentada, abraçada ao kaiser Guilherme II (1859-1941) – último imperador alemão e rei da Prússia. A figura esquelética da morte identificada como “Influenza Hespanhola” era apresentada como a “nova aliada do kaiser”, em um momento em que já se dava por certa a derrota da Alemanha. Embora o foco da cena não fosse o Brasil, a ideia da mortalidade da epidemia, que naquele momento já atingia fortemente o país, trazia para o público a proximidade de um ator da guerra que se instalaria no território brasileiro com consequências trágicas (Imagem 15<sup>29</sup>).

Em 2020, *O Globo* em sua terceira página denominada *Opinião*, onde são publicados textos de especialistas com análises sobre diferentes temas, sempre

---

<sup>28</sup> Laerte, *Folha de São Paulo*, Primeiro Caderno, Opinião, 24 de março de 2020: A2

<sup>29</sup> *O Malho*, n. 839, 12 de outubro de 1918: 25.

acompanhados de uma imagem, apresenta um artigo da economista Flávia Oliveira intitulado “Darwinismo Social é o nome”. No artigo a economista faz duras críticas à atuação do presidente da república durante a pandemia do novo coronavírus. Para a autora, ao privilegiar a economia em detrimento da vida, defendendo o isolamento social apenas de idosos, enquanto os demais deveriam retornar à vida normal, o presidente se igualaria a regimes supremacistas. Oliveira conclui o artigo com a seguinte frase: “Normalidade é agenda de homens convictos do próprio privilégio e inapelavelmente inoculados pelo vírus da falta de empatia.” (Oliveira, 2020: 3). A imagem<sup>30</sup> que acompanha o texto não é menos enfática. Em uma leitura sintética da alegoria da morte, na qual desaparece a figura esquelética, permanece apenas a gadanha, mas com a lâmina em verde e amarelo, cores da bandeira e da faixa presidencial do país.

Nenhuma das publicações nas quais figuraram essas imagens foram ou são marcadas pelo ativismo político que incentive a ruptura institucional. Não são panfletos feitos para provocar levantes ou revoluções. O riso, a informação e a crítica sim, parecem ser objetivos presentes. Deligne nos alerta que “para ser eficiente, a sátira não necessita apenas do talento do artista. Ela depende igualmente de um público que saiba apreciar as agressões maldosas e perceber as alusões” (Deligne, 2011: 36). A possibilidade de subversão, portanto, fica por conta do olhar do leitor, de sua capacidade de rir, mas sentindo o gosto amargo do desamparo público, do medo da morte. Didi-Huberman (2015) nos lembra que ao estarmos diante da imagem, se ela é antiga “o presente nunca cessa de se reconfigurar” e se ela é contemporânea “o passado nunca cessa de se reconfigurar”. Logo, nos restaria reconhecer com humildade que “ela provavelmente nos sobreviverá, somos diante dela o elemento de passagem, e ela é, diante de nós, o elemento do futuro, o elemento da duração.” (Didi-Huberman, 2015:16). Sobrevivem as misérias humanas, as formas de representá-la, mas sobrevive também a capacidade de rir, de denunciar, de indignar-se. Graças a essas imagens que sobrevivem a nós nascem novos olhares alimentados de presente e passado.

---

<sup>30</sup> A imagem e o artigo completo, publicados em 27 de março de 2020 n’O *Globo*, podem ser visualizados no seguinte endereço: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=202020200327>. Acesso em 27 de maio de 2020.

## Bibliografía

Brito, Nara de: 'La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde. Manguinhos*, IV (1):11-30 mar.-jun. 1997.

Deligne, Alain. De que maneira o riso pode ser considerado subversivo? In: LUSTOSA, I. (Org). *Imprensa, Humor e Caricatura: a questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte-MG: Editora UFMG, 2011, p.29-46.

Didi-Huberman, George. *Diante do Tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2015.

\_\_\_\_\_. *Sublevaciones*. Senz Peña: Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2017.

\_\_\_\_\_. *La imagen superviviente: historia del arte y tiempo de los fantasmas según Aby Warburg*. ABADA EDITORES. Madrid, 2009.

Oliveira, Cláudia. *O moderno em revistas: Representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

Oliveira, Flávia. Darwinismo Social é esse o nome. *O Globo*: Rio de Janeiro, Primeiro Caderno, Opinião, 27 de março de 2020, p.3.

Warburg, Aby. *Atlas Mnemosyne*. Madrid: Ankal, 2010.